

Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

Revista Eco-Pós v. 26, n. 1, 2023

Desinformação e democracia

Diagnósticos do tipo “morte da democracia” se tornaram frequentes em diversas análises políticas em anos recentes. Segundo interpretações dominantes em diferentes campos do conhecimento, com destaque para a Ciência Política e a Comunicação, o estado de definhamento democrático constatado atualmente em alguns países seria resultado imediato da chegada ao poder de políticos e partidos identificados com ideologias autoritárias e regressivas. Em suas campanhas vitoriosas, essas lideranças contaram com o apoio decisivo de máquinas de desinformação e engajamento, que operaram livremente e com grande desenvoltura em plataformas e ambientes digitais. No curso desse caminho, noções chegaram a ser elaboradas na tentativa de dar sentido à deriva autocrática em países como os Estados Unidos, a Polônia, a Turquia e o Brasil: “iliberalismo”, “democratura”, “populismo autoritário”, “neofascismo”, entre muitos outros.

Mas o quanto efetivamente a democracia esteve em perigo ao redor do mundo? A ameaça, em muitos casos, já foi debelada ou ainda persiste? A radicalização estimulada pela dinâmica algorítmica das plataformas digitais será, daqui em diante, uma realidade incontornável da política democrática? As respostas a essas perguntas ainda estão por ser formuladas, cabendo a este Dossiê o esforço de tentar encaminhar algumas dessas discussões. Para tanto, procurou priorizar estudos teóricos e empíricos dedicados à miríade de temas que estão na órbita do binômio desinformação e democracia.

No texto de abertura, Erick Felinto demonstra como a retórica virulenta de Olavo de Carvalho constitui um dos esteios do projeto político de corte autoritário levado a cabo pela extrema direita no Brasil. O autor lembra que sua atuação nas redes

Dossiê **Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28146

sociais como propagador de informações falsas e teorias conspiratórias antecede em muito o pleito de 2018, ocasião em que Jair Bolsonaro foi eleito presidente da República. Sob influência das ideias tradicionalistas de René Guénon e Fritjoff Schuon, Carvalho elegeu as instituições tradicionais de produção de conhecimento como alvos prioritários de suas imposturas e ofensas, em uma campanha dedicada especialmente a desacreditar o discurso científico e filosófico da modernidade.

Richard Romancini e Ana Júlia Gennari abordam um tema bastante discutido na ciência política, que, no entanto, tem ganhado nova centralidade nos últimos anos com as vitórias eleitorais da extrema direita pelo mundo: o fenômeno do populismo. Os autores o relacionam com o domínio das plataformas digitais e se dedicam a analisar a comunicação e as políticas populistas adotadas por Donald Trump, nos Estados Unidos, e por Jair Bolsonaro, no Brasil.

Dando prosseguimento à discussão teórica a respeito de questões relativas à democracia na era digital, o artigo de Danilo Rothberg defende a necessidade de que temáticas já bem estabelecidas no campo da comunicação e do jornalismo sejam mobilizadas a fim de fornecer novos aportes teóricos e metodológicos aos estudos sobre polarização política e líderes populistas. De sua parte, o autor contribui para a renovação desse debate ao examinar pontos da literatura sobre comunicação política e credibilidade jornalística, concedendo ênfase especial às coberturas midiáticas dos governos Trump e Bolsonaro.

Adriana Barsotti, por sua vez, trata de uma realidade que concorreu diretamente para enfraquecer a democracia brasileira nos últimos quatro anos: as mentiras de Jair Bolsonaro, fundamento de seu golpismo atávico. Ela indica como o jornalismo profissional acabou por reforçar, de maneira inadvertida, a circulação de informações fraudulentas sobre o meio ambiente, ao adotar uma abordagem meramente declaratória das manifestações públicas do ex-presidente. Para tanto, a autora faz uma análise da cobertura midiática acerca das seis mentiras sobre o tema ambiental mais repetidas por Bolsonaro durante seu mandato. Chama a atenção o seguinte dado: das 33 notícias avaliadas, em apenas uma é dito explicitamente que o ex-presidente mentiu.

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28146

Ainda sobre o tema ambiental, particularmente caro para a proposta deste número da Eco-Pós, Lorena Regattieri enfatiza o caráter de “propaganda desinformativa” assumido pela comunicação oficial do governo Bolsonaro e das Forças Armadas ao tratar de assuntos ligados ao meio ambiente e, em especial, à Amazônia. Regattieri situa a desinformação sobre políticas ambientais no centro do projeto de destruição nacional bolsonarista. Sua análise se concentra na campanha #StopFakeNewsAboutAmazon, levada a cabo pelo bolsonarismo no Twitter por meio do uso de *bots* e influenciadores da extrema direita.

Durante a pandemia de Covid-19, a qualidade da informação sobre saúde pública passou a ocupar lugar de destaque no debate público brasileiro. Naquele período, tornou-se primordial para a saúde coletiva e para as instituições da democracia traçar estratégias de combate à desinformação sobre o vírus – desinformação produzida em grande parte, vale acrescentar, pelo Executivo federal e por apoiadores de Jair Bolsonaro. Nesse sentido, Pâmela Pinto e Eleonora de Magalhães exploram um conjunto diversificado de iniciativas de enfrentamento da desinformação em saúde realizado durante o período pandêmico, realçando seus vínculos com o Sistema Único de Saúde (SUS) e, em alguns casos, com grupos empresariais de comunicação. O artigo constata que a “desinfodemia” sobre o coronavírus no Brasil só não provocou danos ainda mais significativos porque atores do campo da saúde se mobilizaram para combatê-la.

Nesse mesmo contexto, Daniel Namise e Carla Rizzotto ressaltam como Jair Bolsonaro fez uso de uma arma comum da extrema direita mundial – a “trollagem” como comunicação política – na esperança de conseguir se desresponsabilizar pela gestão trágica da pandemia, que vitimou mais de 700 mil brasileiros. Em um texto de muita qualidade e interesse, repleto de *insights* relevantes, os autores jogam luz sobre três dos principais objetivos implícitos na estratégia de “trollagem” adotada pelo ex-presidente: a promoção de seu ideário regressivo e antidemocrático, a mobilização permanente de sua base eleitoral e a criação de um cenário no qual suas ações criminosas durante a pandemia fossem relativizadas.

O artigo de Luís Mauro Sá Martino e Itamar Montalvão traz à cena cartas de leitores do jornal *O Estado de S. Paulo*, refletindo sobre o impacto das novas

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28146

configurações da recepção midiática para a consolidação da democracia. O tema da pandemia de Covid-19 foi o objeto de interesse de 383 cartas enviadas ao jornal entre 2020 e 2022. Os autores as analisam à luz do referencial teórico sobre desinformação e credibilidade jornalística e concluem que “as convicções pessoais do leitor” do Estadão acerca da administração da pandemia por parte do governo federal foram, em geral, “colocadas acima dos fatos”.

Tópico que até pouco tempo esteve no centro do debate e da deliberação parlamentares, o Projeto de Lei 2630, apelidado de “Projeto de Lei das Fake News”, é abordado em artigo assinado por Ivan Paganotti. O autor se dedica a sondar a reação da sociedade à tramitação da medida legislativa por meio da análise de comentários feitos na plataforma da Câmara dos Deputados. Também é de seu interesse problematizar os possíveis efeitos que a futura lei poderá ter sobre o exercício da atividade jornalística. Como resultado mais relevante, Paganotti aponta uma tendência de o público engajado nesse debate considerar que o Projeto de Lei 2630 irá restringir a liberdade de expressão de pessoas comuns nas redes digitais, ao mesmo tempo em que poderá contribuir para fortalecer o poder dos conglomerados de mídia no país.

A contribuição seguinte à proposta deste Dossiê também tem como foco a desinformação, realidade que está na base da crise democrática atual e que tem ensejado uma enormidade de pesquisas em vários campos do conhecimento, incluindo a Comunicação. Conrado Mendes, Maria Ângela Mattos e Adriano dos Santos se esforçam para mapear, numa abordagem quantitativa, os usos dos conceitos de desinformação e termos correlatos em artigos indexados pelo Portal de Periódicos da Capes durante o período da pandemia (2020-2022). O trabalho tem o mérito inegável de levantar algumas hipóteses sobre a difusão de tal conceito na produção acadêmica brasileira em anos recentes.

Daniela Dumaresq discute duas produções audiovisuais sobre a “parlamentada” que, em 2016, afastou Dilma Rousseff do poder: *Democracia em vertigem* (2019), de Petra Costa, e *Não vai ter golpe* (2019), realização levada a cabo por militantes do Movimento Brasil Livre (MBL). Para a autora, os dois filmes concorreram, cada qual a seu modo, para a construção do discurso histórico acerca desse episódio recente. Exemplo dos mais notórios de um momento de profunda

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28146

degradação institucional, os efeitos do *impeachment* da presidente petista ainda se fazem sentir até hoje na vida política nacional.

As duas contribuições que encerram este Dossiê são díspares entre si, mas igualmente relevantes para as discussões aqui propostas. Mônica Mourão, Olívia Bandeira e Gyssele Mendes abordam o caso do vazamento de dados confidenciais de uma criança de dez anos que engravidou após sofrer um estupro no Espírito Santo. O caso é abordado sob a perspectiva dos direitos sexuais e reprodutivos, cuja violação não rara é defendida por grupos conservadores nas plataformas digitais. Paula Sibilia, por sua vez, investiga as transformações percebidas no “solo moral” das sociedades democráticas contemporâneas, o que, segundo a autora, pode ajudar a explicar as derivas autoritárias hoje em curso em diferentes países.

Este número da Eco-Pós apresenta, na seção “Entrevista”, uma conversa com o etnógrafo e professor norte-americano Benjamin Teitelbaum, um dos intérpretes mais profícuos no âmbito do debate atual sobre definhamento democrático e movimentos políticos. Autor de *Guerra pela eternidade* (2020), Teitelbaum é quem introduz no debate brasileiro a questão do “Tradicionalismo”, doutrina antimodernista e religiosa que informa boa parte da atuação de ideólogos, governantes e grupos de extrema direita pelo mundo.

Por fim, o leitor encontrará um conjunto de cinco resenhas de livros publicados recentemente em Português e que dialogam com a proposta interpretativa deste Dossiê. Há textos sobre os trabalhos mais recentes de Marcos Nobre, Paolo Gerbaudo, Rodrigo Nunes, Letícia Cesarino e Shoshana Zuboff.

Boa leitura!

Wilson Milani - Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Jornalista, é doutor em Comunicação pela UFRJ. Autor de *A imprensa contra o Estado* (Ed. Mauad X, 2023), realiza atualmente estágio pós-doutoral no departamento de História da USP.

Email: wilsonmilani@gmail.com

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28146